



A diáspora e o *entre-lugar* no conto “réplica” de Chimamanda Ngozi Adiche

Maria do Socorro Souza Silva (UERN)
(corrinha.172016@gmail.com)

Maria Lidiania Costa (UERN)
(faglidiana@gmail.com)

Resumo: Este trabalho objetiva apresentar uma leitura crítica do conto “Réplica”, da autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adiche. Nos propomos a analisar o texto com vistas para a questão da diáspora, destacando aspectos da identidade das personagens que nos permite pensar o fenômeno da viagem como meio para a aculturação, para hibridização. Também procuramos pontuar aspectos dentro do conto que nos permite pensar um sentido metafórico para o termo réplica, o qual aparece como título do texto, mas que também faz alusão a uma possibilidade de vida dupla, de aspecto de cópia, de imitação. Para ancorar nossas discussões convocamos Hall (2003) e (2008) com suas relevantes contribuições acerca da diáspora, das identidades culturais, Silva (2008) e seu pensamento sobre a identidade como produção social, dentre outros. Através das discussões postas percebemos que as personagens da narrativa passam por mudanças culturais, físicas e comportamentais que refletem na sua identidade. Notamos ainda que, por tratar-se de sujeitos em condição de diáspora, tendem a apresentar identidades que oscilam entre dois polos, um voltado para sua cultura de origem, outro da nova cultura em que vivem, constituindo identidades que se localizam num *entre-lugar*, num espaço de negociação.

Palavras-chave: Identidades. Diáspora. Hibridização.

Introdução

O conto *Réplica* faz parte do livro *No seu pescoço*, da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adiche, a obra é composta por doze contos, foi publicada em 2017 pela Companhia das Letras. Conta a história de uma mulher chamada Nkem, uma nigeriana que passou a morar nos Estados Unidos logo após a ascensão econômica do seu marido Obiora. Segundo a narrativa isso é costume entre as famílias nigerianas, logo após o marido conseguir melhor *status* financeiro, leva a família para os EUA, passando o marido a viver em dois lares. Eles têm dois filhos, Okey e Adanna. Obiora costuma passar pouquíssimo tempo com a família, somente nas férias de Natal e em alguns meses do ano.

O desenrolar do conto inicia logo após Nkem receber uma ligação da sua amiga nigeriana Ijemamaka, ela revela para Nkem que Obiora está tendo um relacionamento amoroso com uma mulher mais jovem, acrescenta que esta suposta namorada do seu marido esteja morando na sua casa na Nigéria. A partir de tal revelação Nkem passa a repensar suas ações, suas escolhas, o modo como tem conduzido o casamento à distância, a ausência dos familiares, a falta da sua cultura, até mesmo o modo como penteia e trata o cabelo, é repensado pela protagonista.



Dentre os tantos assuntos abordados no enredo do conto, como por exemplo, a condição social da mulher, o casamento pela ótica do patriarcado, a relação entre o homem branco e o homem negro, os processos de aculturação, optamos por vislumbrar essas questões pela ótica do fenômeno da diáspora. Nessa perspectiva, objetivamos analisar o conto “Réplica”, evidenciando como os personagens, sobretudo a Nkem, tem seus pensamentos e ações envoltos pela sua condição de desterrada, ou seja, por ela encontrar-se distante da sua terra natal, possa talvez transparecer isso em seu modo de vida.

Partindo deste objetivo procuramos estruturar este trabalho de modo que venha a contemplar aquilo que almejamos. Sendo assim, apresentamos inicialmente uma discussão sobre a significação por trás do título do texto. Elencamos as metáforas utilizadas no enredo que nos conduz ao pensamento de um sentido figurado para o termo réplica. Posteriormente, fazemos uma análise com vistas para a construção identitária de Nkem partindo, sobretudo, das noções de diáspora, hibridização e *entre-lugar*.

Este breve estudo está pautado teoricamente em pressupostos de Stuart Hall (2013) que trata sobre a diáspora e as identidades culturais, Silva (2008) que trata sobre a identidade como produção social, Santiago (2007) que discute sobre a noção de entre-lugar, dentre outros.

Réplica: para além do seu sentido literal

Neste espaço procuraremos tratar sobre a significação por trás do título do conto “Réplica”. Dentre os pontos que nos propomos a tratar aqui, mencionamos alguns que são pertinentes à nossa interpretação, como por exemplo, a representação do chefe de família encarregado de vender objetos (reliquias) em diversos países no mundo, levando para sua casa as réplicas de tais objetos; algumas atitudes das personagens que sugerem ideia de cópias; o tratamento que a personagem Nkem tem com seu cabelo, a forma de preparação dos alimentos, a casa da família, a duração do casamento e as ações dos empregados domésticos, esses são pontos norteadores que nos ajudarão a compreender a significação acerca do título réplica. Nesse sentido nos indagamos: Seria apenas as réplicas dos objetos de arte ou seria réplica de uma vida que ficou para trás, na Nigéria?

A casa de Nkem é ornamentada com réplicas das peças que Obiora vende mundo a fora. Durante a narrativa ela aparece apreciando, manuseando, revisitando a história que Obiora lhe conta sempre que traz uma réplica para casa.

Gostaríamos de iniciar relatando o espaço onde ocorre o desenrolar da narrativa, fazendo menção aos dois espaços em que a família reside, e que pertencem à duas culturas distintas. Conforme mostra a narrativa, a casa na Nigéria foi a primeira residência da família e eles



passaram a residir em uma nova morada nos Estados Unidos. Sabendo que o termo réplica se refere a algo que é produzido a partir de outro, podemos sugerir que a residência da família nos EUA seria uma réplica daquela que ficou na Nigéria. Vejamos um trecho que nos mostra o espaço onde se passa a história e que alude à ideia de uma réplica da residência deixada na Nigéria:

Obiora ficou na casa durante os primeiros meses, por isso os vizinhos só começaram a perguntar por ele mais tarde. Onde estava o marido dela? Tinha acontecido alguma coisa? Nkem disse que estava tudo bem. Ele vivia na Nigéria e também nos Estados Unidos; eles tinham duas casas. Ela viu a desconfiança nos olhos deles, percebeu que estavam pensando em outros casais com segundas casas em lugares como Flórida ou Montreal, mas eram casais que habitavam cada uma das casas ao mesmo tempo, juntos. (ADICHIE, 2017, p. 32)

A passagem mostra a adaptação da família de Nkem à cultura dos Estados Unidos, e que agora, residentes em solo americano, se misturam aos seus aspectos comportamentais, aos modos de agir, pensar e se relacionar oriundos de uma identidade nacional construída pela vivência na Nigéria. Podemos notar que nos relatos da convivência com seus respectivos vizinhos existia uma subordinação, um estranhamento por parte dos norte-americanos, é como eles impusessem às pessoas originárias de outros países seus modos de vida, considerando excêntrico o modo de vida dos imigrantes.

No trecho da narrativa vemos as descrições do modo de pensar das pessoas da vizinhança, que sempre enfatizavam e questionavam sobre a ausência do progenitor da família. A partir de tais questionamentos Nkem ficava omissa sobre a cultura de seu país, pois, aos olhos das pessoas, era estranho uma família residir em dois lugares distintos. Isso foi visto por Nkem de maneira singular e reflexiva. Corroborando com essa questão de subordinação e omissão de culturas, diz (HALL, 2002, p.30): “As diferenças regionais e étnicas foram gradualmente sendo colocadas de forma subordinada, sob aquilo que Gellner chama de “teto político” do Estado-nação”, ou seja, a cultura dos Estados Unidos era sempre bem vista aos olhos de toda a nação, como se fosse superior às demais. Diante disso, podemos interpretar que a personagem Nkem não se sentia totalmente à vontade vivendo na nova residência, nos EUA. O fato dela incomodar-se com a opinião dos vizinhos, revela que ela mesma estava insatisfeita com uma vida incompleta, sem o marido e sem sua casa na Nigéria.

Retornando ao título do conto, percebemos que a réplica não seria somente as peças de decoração da casa, mas a própria estrutura familiar disfuncional, a vida dividida entre dois lugares, as duas culturas que permeiam a vida dos personagens.



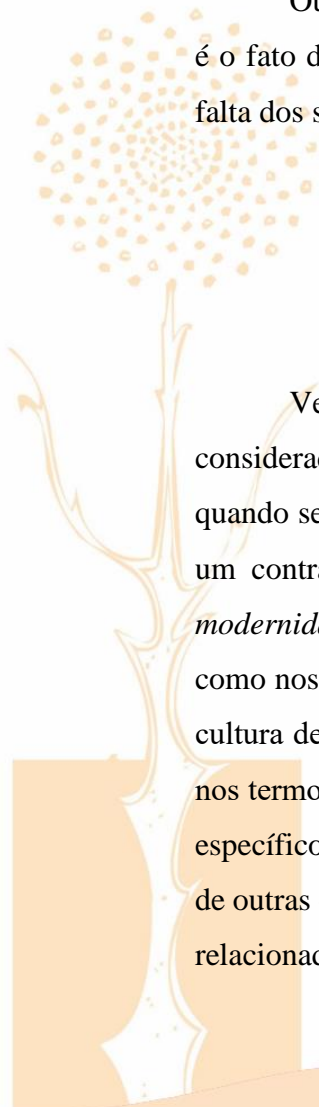
Sabemos que os Estados Unidos é um país de grande fluxo migratório, tornou-se assim devido o número exorbitante de imigrantes que trouxeram tradições multiculturais de seus países originários, favorecendo a sua mobilidade social. A partir disso, houve significativas mudanças sociais e econômicas, garantindo estabilidade a maioria da população e *status* de um país de primeiro mundo, visto com bastante credibilidade. Esse pensamento, é atrelado ao posicionamento dos vizinhos de Nkem, no próprio instante que inferiorizam a cultura da família de Obiora, eles exaltam a cultura dos Estados Unidos.

Nos trechos da narrativa podemos perceber que o modo de vida da família de Nkem, por ter duas casas em territórios distantes, incomodavam os vizinhos, gerando muitas dúvidas e questionamentos a respeito da Nigéria. Esse aspecto pode ser atrelado à significação por trás do título, ou seja, podemos presumir que o motivo de Nkem sentir-se desconfortável pelas insinuações dos vizinhos, pode estar ligado ao fato dela mesma não sentir firmeza na sua estrutura familiar, aspecto notado quando ela reflete sobre o casamento, observando, apreciando os detalhes de algumas das réplicas que ornamentam a casa. Nkem estaria associando a vida conjugal e sua atual morada à uma réplica?

Outro ponto dentro do conto que nos sugere um sentido metafórico para o termo réplica é o fato de quando a empregada doméstica está preparando os alimentos, Nkem sente muita falta dos sabores deixados na Nigéria. Vejamos um trecho em que ela menciona o inhame:

Na Nigéria, ela teria usado inhame para fazer a sopa *ji akwukwo*, mas, ali, quase não se encontra inhame na loja de produtos africanos — inhame de verdade, não as batatas fibrosas que os supermercados americanos chamam de inhame. Uma réplica de inhame, pensa Nkem”. (ADICHIE, 2017, p. 40)

Vejamos que até os alimentos que a personagem consome nos Estados Unidos são considerados, por ela, como uma réplica daqueles que consumia na Nigéria, aspecto notado quando sente nostalgia dos alimentos que consumia na Nigéria. Nesse sentido, podemos fazer um contraponto com o que diz Hall (2002) em sua obra *A identidade cultural na pós-modernidade*, especificamente no capítulo “Globalização” em que discute, de forma enfática, como nossas identidades são construídas, reconstruídas, deslocadas e fragmentadas a partir da cultura de cada lugar. O estudioso menciona que: “podemos pensar isso de uma outra forma: nos termos daquilo que Giddens (1990) chama de separação entre espaço e lugar. “O lugar” é específico, concreto, conhecido, familiar e delimitado”. Assim, mesmo que exista a confluência de outras culturas atreladas às práticas comportamentais da família de Nkem, os modos de agir relacionados ao lugar de origem, ainda permanecem na personagem, fazendo com que venha a





considerar a forma de alimentação, o comportamento dos empregados domésticos e os alimentos à uma réplica da sua vida na Nigéria.

Ainda na perspectiva de tratar da questão da metáfora por trás do termo réplica apresentamos a figura do pai, um progenitor ausente do lar, aspecto evidenciado pelo narrador através dos sentimentos dos filhos do casal. Vejamos mais um fragmento do conto que ilustra isso: “Na próxima semana, seus filhos mais uma vez dirão “papai” para uma pessoa de verdade, não uma voz no telefone; ela vai acordar de noite e ouvir alguém roncando ao seu lado; vai haver outra toalha usada no banheiro”. (ADICHIE, 2017, p. 33)

Chamamos atenção para quando o narrador emprega a expressão “pessoa de verdade”, sugerindo que o pai ao ausentar-se do lar por muito tempo, tornou-se alguém surreal para os filhos, apenas uma voz do outro lado do telefone. Nesse sentido, a própria conjuntura paterna representada por Obiora pode ser interpretada como uma imagem de réplica, uma “imitação” de pai.

Mais um ponto dentro do conto que nos permite ver a réplica como algo além dos objetos de decoração da casa é o próprio casamento de Nkem e Obiora. O casamento não atende ao que a personagem feminina almeja. É um enlace matrimonial suprimido, como diz a própria Nkem em diálogo com esposo: “Nós podemos mesmo espremer um ano inteiro de casamento em dois meses de verão e três semanas de dezembro?”, pergunta Nkem. “Podemos comprimir o casamento?” (ADICHIE, 2017, p. 48)

Notamos neste trecho do conto que a personagem Nkem tem uma imensa necessidade de estar ao lado de seu esposo, compartilhando todos os momentos com a família. No entanto, essa relação está sendo fragmentada, devido ao pouco contato físico e o distanciamento. Porém, vemos no desenrolar da narrativa que alguns posicionamentos do progenitor e até mesmo dela, impedem de viverem juntos, e que a distância está há cada dia dissipando a relação da família. A personagem vivencia um casamento suprimido às condições sociais existentes. Os objetos de decoração, a casa, a vida confortável com regalias, são aspectos que a prende a uma vida de imitação.

Vejamos outro fragmento que corrobora com a ideia de um casamento com um caráter de réplica: “Nós podemos passar as férias aqui, juntos”, diz Nkem, com ênfase na palavra “nós”. “Mas... por quê?”, pergunta Obiora. “Eu quero saber quando chega um empregado novo na minha casa”, diz ela. “E as crianças precisam de você.” (ADICHIE, 2017, p. 49). Mesmo sabendo que o seu casamento se torna gélido a cada dia, Nkem insiste em manter os laços de cumplicidade e amor com seu esposo, e a viver uma relação recíproca junto com seus filhos e



marido, mas para que isso ocorra, ela percebe que precisa retornar à casa na Nigéria, deixar uma réplica, para viver a verdadeira vida.

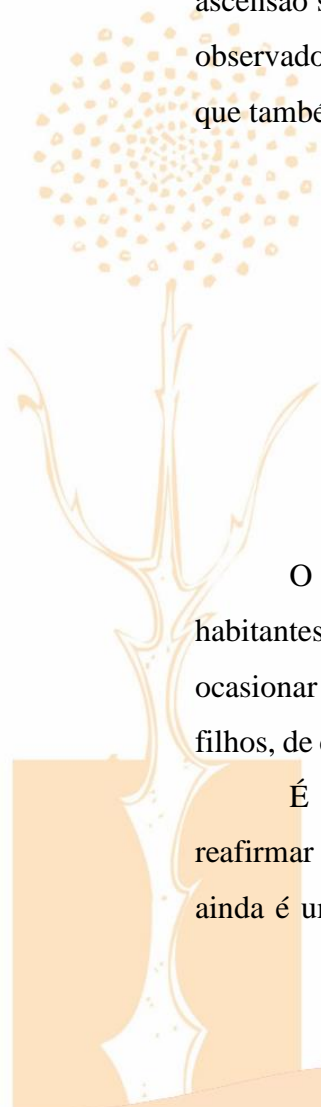
A diáspora e o *entre-lugar* como espaços de construção identitária da personagem Nkem

De acordo com Stuart Hall (2013), em seu livro *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*, a diáspora é um movimento decorrente de vários motivos, tais como: “pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades - os legados do Império em toda parte - podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento - a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor” (HALL, 2013, p. 28). E na perspectiva do conto que nos propomos a estudar neste espaço, percebemos que a família de Nkem encontra-se nessa condição de vida diaspórica, pois como já foi mencionado aqui, ela e seus filhos vivem nos Estados Unidos, enquanto o marido vive, a maior parte do tempo, na Nigéria, local em que costuma trabalhar vendendo artefatos, antiguidades históricas. Dentre os tantos motivos citados Hall (2013) que podem motivar alguém a deslocar-se da sua terra de origem, podemos perceber que no conto “Réplica” o que ocasionou a ida para os Estados Unidos foi a busca por uma ascensão social, para manter um padrão de vida almejado pelo povo nigeriano, o que pode ser observado no trecho a seguir, momento em que Nkem conversa com outra mulher nigeriana que também vive nos EUA e o marido na Nigéria:

Nossos homens gostam de nos manter aqui, dissera ela a Nkem. Eles vão para casa para trabalhar ou passar as férias, deixam a gente e as crianças com casas e carros enormes, nos arrumam empregadas da Nigéria para quem não temos que pagar esses salários absurdos dos americanos, e dizem que os negócios são melhores na Nigéria e tudo o mais. Mas sabe por que nunca se mudariam para cá, mesmo se os negócios fossem melhores aqui? Porque nos Estados Unidos não reconhecem os Grandes Homens. Ninguém fala “Doutor! Doutor!” Para eles aqui. Ninguém corre para espanar o assento antes de eles se sentarem. (ADICHIE, 2017, p. 36)

O fato de a Nigéria ser um país subdesenvolvido e provavelmente não ofertar aos seus habitantes uma vida confortável, mesmo àqueles que possuem posses financeiras, isso pode ocasionar o deslocamento das pessoas para outros países à procura de boas escolas para seus filhos, de conforto, segurança, ou até mesmo para atender a desejos pessoais de ordem material.

É importante destacar no trecho mencionado o fato do homem nigeriano precisar reafirmar a sua grandeza diante dos homens americanos, mesmo tendo bom *status* financeiro, ainda é um nigeriano em busca de melhores condições de vida, por isso não é chamado de





‘doutor’. Em seu país ele possui um tipo de tratamento o qual deseja que refletisse na sua posição nos EUA.

Sabendo que a personagem Nkem e seus filhos vivem numa condição diaspórica, num espaço em que o modo de vida, a cultura, praticamente tudo diverge da sua terra natal, podemos nos questionar: Como tais fatores influenciam na identidade cultural destes sujeitos? Nessa perspectiva Hall (2013) também se questiona a respeito do povo caribenho, o qual ele se propõe a estudar no livro antes mencionado. Ele indaga:

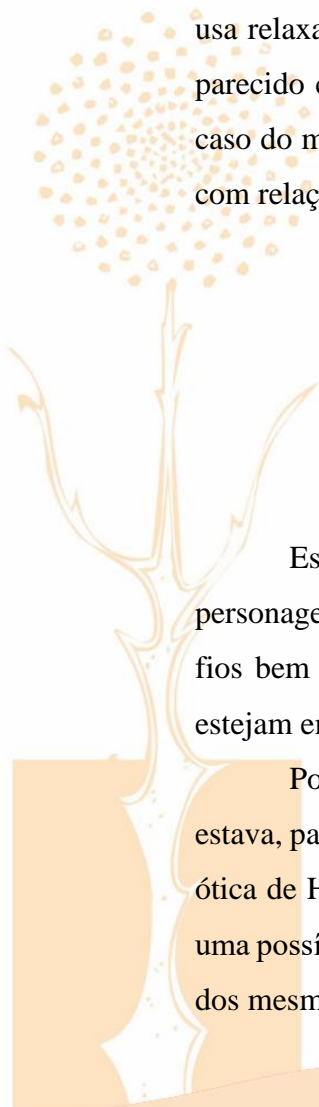
[...] o que a experiência da diáspora causa a nossos modelos de identidade cultural? Como podemos conceber ou imaginar a identidade, a diferença e o pertencimento, após a diáspora? Já que "a identidade cultural" carrega consigo tantos traços de unidade essencial, unicidade primordial, indivisibilidade e mesmice, como devemos "pensar" as identidades inscritas nas relações de poder, construídas pela diferença, e disjuntura? (HALL, 2013, p. 28)

Nessa perspectiva nos perguntamos: Como a identidade cultural, a diferença e o pertencimento de Nkem e seus filhos aparecem representados no conto? Notamos que ela vive numa espécie de duelo consigo mesma, tentando adequar-se à vivência nos Estados Unidos. Ela usa relaxante capilar, um produto que modificou a aparência do seu cabelo, tornando-o mais parecido com o das mulheres dos homens brancos. No momento em que descobre o suposto caso do marido com uma mulher de cabelo encaracolado, ela imediatamente muda de opinião com relação ao seu cabelo alisado pelo relaxante:

Ela pega a tesoura, aquela que usa para cortar as fitas de cabelo de Adanna em laços mais definidos, e leva até a cabeça. Agarra tufo de cabelo e corta rente ao couro cabeludo, deixando os fios do comprimento de uma unha, longos o suficiente apenas para formar pequenos cachos com um texturizador. Nkem vê o cabelo flutuando, como tufo de algodão marrom caindo na pia branca. Ela corta mais. (ADICHIE, 2017, p. 35)

Este trecho é bastante oportuno para ilustrar o confronto existencial e identitário da personagem quando ela se sente desconfortável com o cabelo e resolve cortá-lo, deixando os fios bem curtos, permitindo assim que seus cachos cresçam e as marcas das suas raízes estejam em evidência.

Podemos perceber nesta decisão de Nkem uma forma de escapar da realidade em que estava, para em seguida regressar às suas origens, ao seu berço. Esse aspecto pode ser lido pela ótica de Hall (2002), na obra *A identidade cultural nas pós-modernidade*, na qual trata sobre uma possível crise de identidade. O autor destaca que: “Esse duplo deslocamento - descentração dos mesmos - constituem uma crise de identidade para o indivíduo”. Então podemos presumir





que Nkem esteja vivenciando essa crise identitária à medida que oscila entre as duas culturas, a nigeriana e a estadunidense.

A mudança em Nkem, o resgate por uma identidade nacional ocultada pela vivência nos EUA reafirma-se no trecho que segue:

Nkem sente então uma possessividade feroz, imaginando aquela menina enlaçada pelos braços de Obiora, na cama deles. Larga o telefone, diz a Amaechi que já volta e dirige até o Walgreens para comprar uma caixa de texturizador. No carro, acende a luz e olha a caixa, vendo a foto das mulheres com cachinhos bem curtos. (ADICHIE, 2017, p. 40)

O trecho revela-nos não somente uma mudança física na personagem, mas também em sua identidade. O fato dela conviver com pessoas de outra etnia contribui para assimilação de novas características físicas e culturais. Nessa perspectiva, Tomaz Tadeu da Silva em seu texto “A produção social da identidade e da diferença” ressalta que os movimentos diaspóricos tendem a provocar, nas identidades dos sujeitos, a hibridização. Ele menciona que:

[...] Diásporas, como a dos negros africanos escravizados, por exemplo, ao colocar em contato diferentes culturas e ao favorecer processos de hibridização, sincretismo e criouliização cultural que, forçosamente, transformam, desestabilizam e deslocam as identidades originais. (SILVA, 2008, p. 88)

Em se tratando da identidade de Nkem, concebemos tratar-se de uma identidade híbrida, múltipla, heterogênea, pois a partir do momento em que entra em contato com uma nova cultura, ela agrega em si traços dessa cultura. É no movimento diaspórico, no deslocamento, no contato com uma cultura estrangeira que as identidades saem do campo fixado, para um espaço de negociação em que passam a coexistir caracteres distintos. Os sujeitos que vivenciam experiências assim, seja de forma forçada, como no caso da escravidão, seja por interesses pessoais, como é o caso da família representada no conto “Réplica”, em qualquer um dos casos, as identidades não serão mais as mesmas, serão identidades que transitam entre culturas distintas. No caso de Nkem, certamente, o fato de ter cortado a parte lisa do cabelo, de ter deixado de usar o relaxante capilar, passando a usar texturizador e de, possivelmente, retornar a sua terra natal, não apagará os traços da cultura América que ela agregou à sua subjetividade, ou seja, ela não deixará de ser uma nigeriana que vive/viveu nos EUA, que aprendeu a cultura de lá, unindo-a à sua identidade nacional e pessoal. Do mesmo modo que o tempo de vivência nos EUA não apagou/ocultou, por completo, os traços da sua cultura que coexistem na sua



identidade, quando ela menos esperava veio à tona uma gama de sentimentos e busca pelas origens.

Ainda nesse pensamento, Silva (2008) destaca que são nestes espaços de deslocamentos, de movimentos fronteiriços que podemos perceber o caráter inconclusivo das identidades, sobretudo àquelas que são concebidas nos espaços de fronteiras. Silva (2008) enfatiza que: “Se o movimento entre fronteiras coloca em evidência a instabilidade da identidade, é nas próprias linhas de fronteira, nos limites, nos interstícios, que sua precariedade se torna mais visível. (SILVA, 2008, p. 89). Em se tratando do conto “Réplica” e da protagonista feminina, é nesta pequena fenda existente entre as suas vivências nos EUA e a sua cultura original, que a sua identidade vai se construindo, tornando-se um misto cultural, uma personalidade híbrida. Vejamos um trecho do conto que corrobora com o este pensamento:

Nkem perguntou se a mulher pretendia voltar e ela se virara, olhos arregalados, como se Nkem tivesse acabado de trai-la. “Mas como eu posso voltar a morar na Nigéria? Quem passa tanto tempo aqui acaba mudando, não fica mais igual ao povo de lá. Como meus filhos vão se adaptar?” E Nkem, apesar de não gostar das sobancelhas depiladas demais da mulher, tinha entendido. (ADICHIE, 2017, p. 36)

Inquieta em saber o posicionamento de outra nigeriana, também residente nos EUA, a respeito do retorno à Nigéria, Nkem acaba percebendo que o regresso pode ser mais difícil do que a adaptação na atual morada. Como revela o excerto ‘Quem passa tanto tempo aqui acaba mudando, não fica mais igual ao povo de lá’, ou seja, o contato com novos povos, novas formas de viver, acabam modificando a identidade das pessoas, tornando-as indivíduos múltiplos, permitindo que saiam de uma condição identitária fixada, para uma móvel, sempre aberta a novas possibilidades. Então aquilo que poderia ser interpretado como prejudicial para os sujeitos, que seria a assimilação de uma cultura que não seja a sua de origem, pode acabar sendo benéfico no sentido de que o sujeito estará em constante processo de reformulação identitária. E o fato de assimilar novas características culturais, não significa, necessariamente, que tenha esquecido ou ocultado a sua cultura de nascença, ela sempre estará ali, lado a lado com novas culturas acumuladas ao longo da existência.

Conforme estamos assinalando a identidade de Nkem transita entre dois mundos, a Nigéria, seu país de origem, e os EUA, sua atual morada. Ao longo da narrativa percebemos que a personagem se sente dividida, ora quer atender ao modo de vida americano, se vestindo, educando seus filhos, apreciando a culinária. Ora volta-se para suas origens. Então para elaborar sua identidade, Nkem precisa atender aos ditames destes dois mundos, sem valorizar um, em



detrimento do outro. Por esses motivos sugerimos que a identificação da personagem vai se construindo num espaço de negociação, aquele que o crítico Silviano Santiago (2000) denomina de *entre-lugar* para explicar o espaço reservado à literatura latino-americana. Sobre a caracterização deste lugar diz o crítico:

Entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação a expressão - ali nesse lugar aparentemente vazio, seu tempo e seu lugar de clandestinidade, ali se realiza o ritual antropófago da literatura latino-americana. (SANTIAGO, 2007, p. 26)

Na luta cultural entre colonizador e colonizado muitas vezes as identidades dos sujeitos que vivenciam estes duelos ou que participam de tais confrontos, acabam por refletir traços de ambos os partícipes. No caso da personagem Nkem, enquanto sujeito colonizado, acaba construindo para si uma identidade que oscila entre a cultura americana e a nigeriana.

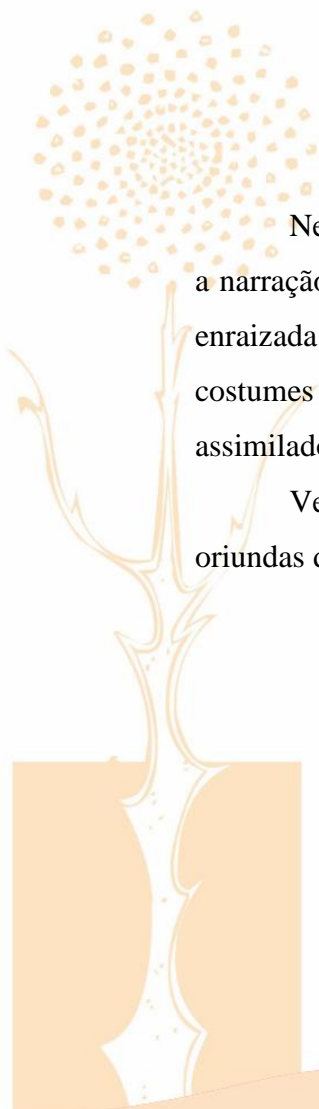
Sobre o diálogo entre as duas culturas existente no conto, vejamos mais trecho:

Às vezes, Nkem pensa em voltar para a Nigéria, mas nunca de maneira séria, concreta. Ela vai ao pilates duas vezes por semana com a vizinha; assa biscoitos para a escola dos filhos, e os seus são sempre os preferidos de todo mundo; espera que os bancos tenham caixas drive-ins. Os Estados Unidos a conquistaram, se enraizaram sob sua pele. (ADICHIE, 2017, p. 36)

Nessa passagem do conto o narrador revela costumes americanos praticados por Nkem, a narração também se encarrega de detalhar o fato de que a cultura dos Estados Unidos está enraizada na personagem, ou seja, ao mostrar o modo facultativo da personagem realizar os costumes americanos, revela que aquilo já faz parte da sua própria cultura, tais hábitos já foram assimilados por ela, fazem parte da sua identidade.

Vejamos outro momento do conto que mostra a junção de características identitárias oriundas da vivência nos EUA, dessa vez nas crianças, os filhos de Nkem e Obiora:

Obiora sempre se admirava com o que as crianças conseguiam fazer, com seus gostos e desgostos, mesmo que Nkem já houvesse lhe contado tudo por telefone. Quando Okey correu para ele com um dodói, ele deu um beijo no lugar e depois riu do costume americano de beijar feridas. Perguntou se a saliva ajuda a curá-las. Quando seus amigos visitavam ou ligavam, ele pedia que as crianças viessem cumprimentar o titio, mas primeiro provocava os amigos, dizendo: “Tomara que você entenda o inglês danado que eles falam; essas crianças são americanahs agora, ô!”. (ADICHIE, 2017, p. 46)





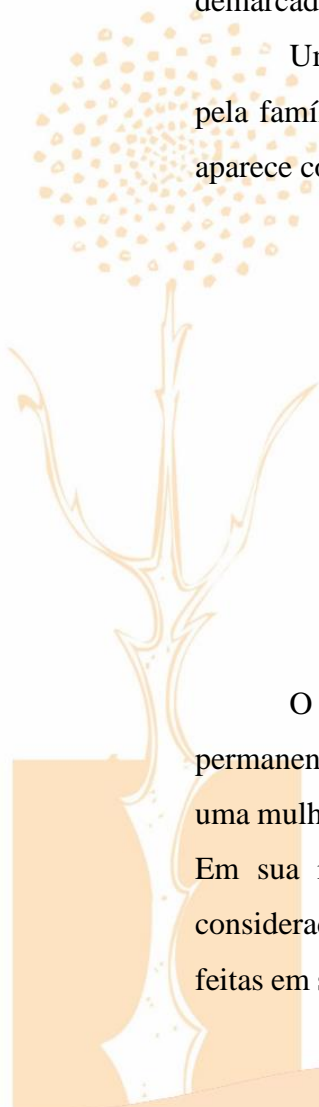
Os costumes americanos mais uma vez aparecem representados na narrativa, dessa vez é o marido de Nkem, Obiora, quem demonstra aceitação ao modo americano de consolar as crianças quando elas se machucam. Chamamos atenção para o quando o personagem diz que seus filhos ‘são americanahs agora’. O fato de as crianças estarem há tanto tempo nos EUA e de terem nascido lá, permitiu que aprendessem o idioma, o que por sua vez, é motivo de orgulho para o pai que faz questão de evidenciar diante das visitas familiares.

Silva (2008) menciona que os movimentos migratórios, as viagens acabam afetando não só as identidades subordinadas (no caso do conto, seriam os nigerianos), como também hegemônicas, (os americanos), ou seja, ambas a identidades são culturalmente modificadas pelo contato entre povos distintos, pela hibridização. Sobre a questão da viagem como meio para tais acontecimentos, o autor destaca que: “[...] Embora menos traumática que a diáspora ou a migração forçada, a viagem obriga quem viaja a sentir-se “estrangeiro”, posicionando-o, ainda que temporariamente, como o “outro”. (SILVA, 2008, p. 88). Numa associação com as personagens do conto “Réplica”, à medida que vão fixando moradia nos EUA, vão tornando-se, cada vez mais, estrangeiras, aspecto evidenciado nas passagens citadas anteriormente e demarcado pela fala de Obiora no trecho acima.

Um aspecto que corrobora ainda mais para ilustrar o processo de aculturação vivenciado pela família de Nkem é fato dela ter sido contemplada com *Green Card*, tal acontecimento aparece como motivo de comemoração na família:

Uma bebidinha é uma tradição dela e de Amaechi há anos, desde que Nkem obteve seu green card. Naquele dia, ela abriu uma garrafa de champanhe para tomar com Amaechi depois que as crianças já estavam dormindo. “Aos Estados Unidos!”, disse, enquanto Amaechi ria um pouco alto demais. Nkem não teria mais que pedir um visto para voltar aos Estados Unidos, não teria mais que aturar as perguntas arrogantes da embaixada americana. Graças àquele cartão de plástico novinho com uma foto em que ela parecia emburrada. Porque ela realmente pertencia àquele país agora, àquele país de curiosidades e crueldades, um país onde era possível dirigir à noite sem ter medo de bandidos armados, onde os restaurantes serviam para uma pessoa comida o suficiente para três. (ADICHIE, 2017, p. 44)

O fato de Nkem ter recebido o *Green card* americano, ou seja, um visto americano permanente, enfatiza a ideia de firmamento nas terras estrangeiras. Antes disso ela era só mais uma mulher nigeriana por ali, depois disso ela passou a ser oficialmente uma cidadã americana. Em sua identidade cultural foram incorporados traços de uma nova cultura, então, ser considerada como membro deste grupo cultural é uma consequência das mudanças que foram feitas em sua subjetividade. Nessa mesma perspectiva de pensar as identidades como processos





em construção e não como algo fixado, diz Stuart Hall na obra *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*:

As questões da identidade cultural na diáspora não podem ser "pensadas" dessa forma. Elas têm provado ser tão inquietantes e desconcertantes para o povo caribenho justamente porque, entre nós, a identidade é irrevogavelmente uma questão histórica. Nossas sociedades são compostas não de um, mas de muitos povos. Suas origens não são únicas, mas diversas. (HALL, 2003, p. 30)

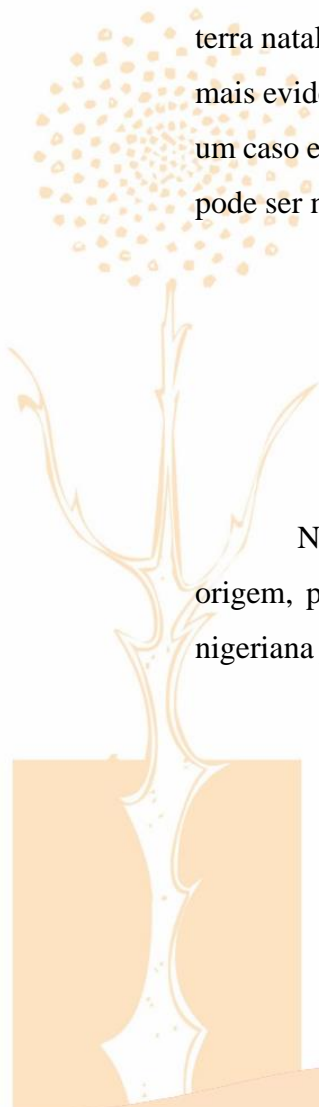
Nessa condição é que se encontra a família de Nkem, suas identidades estão repletas de características oriundas de diferentes povos. Não podemos pensar as identidades destes sujeitos que se encontram em condição de diáspora, que transitam por lugares distintos, como algo já construído. Precisamos concebê-las como identidades em processo, identidades híbridas. Nesse pensar diz Silva (2008): “Primeiramente, a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato - seja de natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente”. (SILVA, 2008, p. 96).

Ressaltamos que mesmo vivendo de forma confortável, melhor do que vivia em sua terra natal, Nkem sente uma profunda necessidade de retornar para a Nigéria. Isso passou a ser mais evidenciado nela a partir do momento em que recebe a notícia de que seu marido mantém um caso extraconjugal com outra nigeriana. A necessidade de retorno por parte da personagem pode ser notada nos trechos a seguir:

Mas, Nkem sente falta de seu país, de suas amigas, da cadência do igbo, do iorubá e do inglês pidgin sendo falado ao seu redor. E quando a neve cobre o hidratante amarelo na rua, ela sente falta do sol de Lagos, que ofusca os olhos mesmo quando chove. Às vezes, Nkem pensa em voltar para Nigéria, mas nunca de maneira séria e concreta. (ADICHIE, 2017, p. 36)

Nkem tem inquietações e pensamentos a respeito de um possível retorno ao seu país de origem, pois está atenta a última notícia de seu esposo, da relação extraconjugal com uma nigeriana jovem. Vejamos o trecho em que Nkem cogita voltar à Nigéria:

Vamos voltar para lá quando acabar o ano escolar. Vamos voltar a morar em Lagos. Vamos voltar” Nkem fala devagar, para convencê-lo e para convencer a si mesma. Obiora continua a olhá-la e ela sabe que ele nunca a ouviu a erguer a voz, nunca a ouviu a tomar decisão. Nkem sente uma vaga dúvida, perguntando-se se foi isso que o atraiu antes de tudo, o fato dela adiar-se tanto, de deixar que ele fale pelos dois (ADICHIE, 2017, p. 49)





A necessidade de retorno às origens demonstrada pela personagem nos fragmentos apresentados pode ser interpretada à luz de Hall (2002) quando menciona a respeito do elo umbilical, ou seja, que seria uma espécie de regresso ao mundo do qual saímos, o retorno às origens que permite não só o reacender da sua identidade cultural, como também a abertura para novas culturas. E um dos pontos decisórios de Nkem a respeito de seu retorno é quando vem as lembranças de quando ainda era jovem, de seus relacionamentos amorosos com homens casados, de suas conquistas amorosas e o relacionamento com seu parceiro.

Considerações Finais

Diante do propósito deste estudo o qual esteve voltado para uma análise com vistas para a questão da diáspora, observando aspectos da identidade das personagens que nos permitiu pensar o fenômeno da viagem como meio para a aculturação, para hibridização, para a constituição identitária. Também analisamos o sentido metafórico do termo réplica, sobre esse ponto observamos que há uma significação nas entrelinhas do título. Percebemos que a réplica se estende para além do seu sentido literal, o qual aparece de forma mais explícita nos objetos decorativos que Obiora leva para casa. Notamos que a casa, espaço onde se passa o enredo; a figura do pai apresentada ao longo do conto; a configuração da vida conjugal entre Nkem e Obiora e até mesmo alguns alimentos consumidos pela família nos EUA nos permitiu interpretar que há um jogo metafórico, uma espécie de descoberta por parte de Nkem, que a partir da descoberta da possível traição do marido passa a repensar e tentar retomar o controle da sua vida e do seu casamento.

Quanto à questão da diáspora e da identidade da personagem Nkem foi possível perceber que sua identidade é originária de um espaço de fronteira, de um *entre-meio*, um *entre-lugar*. Por tratar-se de uma personagem que nasceu e cresceu na Nigéria e que depois de adulta mudou-se para os EUA, onde fixou moradia, constituiu família, então para ela não seria possível optar por uma identidade fixa numa ou noutra nacionalidade, mas ao contrário disso, uma subjetivação que incorpora ambas as culturas, uma identidade híbrida, inquietante, desconcertante. Tais aspectos são reflexos do fenômeno diaspórico, pois é através das vicissitudes, das fendas deixadas pela hibridização que a personagem vai ao longo da narrativa elaborando uma identificação que não se restringe a uma ou outra localidade, mas unindo as duas, a da Nigéria com a dos EUA.

Referências



ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Réplica. In: **No seu pescoço**. ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Companhia das Letras: 2017.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos: ensaio sobre dependência cultural**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da.; STUART, Hall; WOODWARD, Kathryn. (Org.). **Identidade cultural nas pós-modernidade: a perspectiva dos estudos culturais**. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

